

III

A INSERÇÃO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Bruno de Jesus Oliveira⁵

Camila Cunha Silva⁶

Iris Vanessa de Sousa Silva⁷

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre as contribuições do ensino de uma língua estrangeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com ênfase na Língua Inglesa, considerada o idioma mais falado no mundo. O objetivo geral é analisar a relevância do ensino da Língua Inglesa para crianças dessa etapa escolar. Os objetivos específicos incluem: compreender a trajetória histórica do ensino da Língua Inglesa no Brasil; analisar suas influências na cultura brasileira; e descrever estratégias metodológicas para o ensino da língua nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para responder à questão central — Qual a importância da inserção de um idioma estrangeiro no currículo dos anos iniciais do Ensino Fundamental? — será realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa. O referencial teórico baseia-se em autores como Harmer (2002), Phillips (2003) e Chaves (2004), além de documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Palavras-chave: Língua Inglesa; Ensino Fundamental; Língua Estrangeira; Metodologia; Educação Infantil.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the contributions of teaching a foreign language in the early years of elementary education. This study focuses on the teaching of English, as it is considered the most spoken language worldwide. The general objective of this research is to reflect on the contributions of teaching English to children in the early years of elementary education, while the specific objectives are as follows: to understand the historical trajectory of English language teaching in

⁵ Graduado em Pedagogia e Letras com Língua Inglesa, Pós-graduado em Psicologia Educacional, Gestão Escolar, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Atendimento Educacional Especializado. Professor no Ensino Fundamental II (Município de Caldeirão Grande).

⁶ Graduada em Pedagogia, Pós-graduanda em Psicopedagogia e Alfabetização e letramento. Professora no Ensino Fundamental I (Município de Várzea da Roça)

⁷ Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (2015). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais de Capim Grosso (FGC). Professora da Rede Estadual da Bahia no Ensino Médio e professora no curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências Educacionais de Capim Grosso - FCG. Pós-graduada no Curso de Especialização História: Cultura Urbana Local e Memória - UNEB Campus IV. Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pala Universidade Cândido Mendes, Pesquisadora da temática de gênero, com ênfase na perspectiva de relações socioafetivas entre vítimas e acusados nos processos criminais de defloramento, estupro e sedução; movimentos de mulheres trabalhadoras rurais e urbanas; feminismo e relações de gênero. Membro fundadora e Patrona Perpétua da Academia Quixabeirense de Pedagogia, sendo também Patrona da Cadeira de Gênero e Direitos Humanos da referida Academia. Mestra em Estado, Gobierno y Políticas Públicas pela FLACSO Brasil (diploma reconhecido pela UFG, curso Ciências Políticas). Está vice-diretora do CETI Professora Terezinha Gonçalves Novais, em Quixabeira/BA.

Brazil; to analyze its influences on our culture; and to describe methodological strategies for teaching the language in the early years of elementary education. Based on these objectives, we seek answers to the central question: What is the importance of introducing a foreign language in the early years of elementary education? To this end, a qualitative bibliographic research will be conducted. The theoretical framework includes works by Harmer (2002), Phillips (2003), Chaves (2004), as well as excerpts from the National Common Curricular Base and the Brazilian Law of Guidelines and Bases of Education.

Keywords: English Language; Elementary Education; Foreign Language; Methodology; Early Childhood Education.

1 INTRODUCÃO

A presente pesquisa teve como escopo refletir sobre as contribuições do ensino de uma Língua Estrangeira Moderna nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste trabalho, enfatiza-se o ensino da Língua Inglesa, uma vez que, segundo dados da Ethnologue (2020), ela é a língua mais falada no mundo, além de ser o idioma padrão nas relações e negociações internacionais, no turismo, em áreas tecnológicas, entre outros setores.

Este trabalho de conclusão de curso fundamenta-se em pesquisas realizadas em livros, artigos científicos, websites e diversas publicações relacionadas ao tema, com ênfase nos estudos de autores influentes que discutem e investigam o ensino da Língua Inglesa. O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre as contribuições do ensino da Língua Inglesa para crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos incluem: compreender a trajetória histórica do ensino da Língua Inglesa no Brasil; analisar suas influências na cultura brasileira; e descrever estratégias metodológicas aplicadas ao ensino da língua nessa etapa educacional.

A primeira seção do trabalho detalha a trajetória histórica do ensino da Língua Inglesa no Brasil, desde sua introdução no início do século XIX — período marcado pela abertura comercial e intensificação das relações internacionais — quando o idioma era oferecido principalmente em escolas particulares, voltadas especialmente à elite econômica, até a realidade atual. Na seção seguinte, intitulada “Influências da Língua Inglesa na Cultura Brasileira”, discute-se o amplo uso do inglês em diversos setores, como comércio, tecnologia, moda, música, arte e turismo, evidenciando sua

influência direta na cultura brasileira, tanto no âmbito profissional quanto na linguagem e nas manifestações culturais populares.

Por fim, a terceira seção aborda os principais métodos de ensino da Língua Inglesa no Brasil e sua aplicação nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Apresentam-se as características de cada estratégia metodológica, ressaltando suas especificidades, vantagens e eventuais limitações. Para fundamentar o estudo, foram consultados autores renomados no campo do ensino de Língua Inglesa no Brasil, tais como Harmer (2002), Phillips (2003), Chaves (2004) e Pinter (2006). Além disso, buscou-se aprofundar o conhecimento sobre métodos de pesquisa científica por meio das obras de Ohira (2000), Minayo (2009) e Creswell (2007).

Quanto à metodologia, optou-se pelo método qualitativo, que permite compreender e interpretar as nuances subjetivas do tema, além de evidenciar ideias implícitas. O trabalho caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, baseada em textos impressos e digitais publicados em veículos acadêmicos.

2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

A trajetória da língua inglesa no Brasil tem início a partir de uma relação histórica entre Brasil e Inglaterra, que começou por volta de 1530, quando o aventureiro inglês William Hawkins desembarcou na costa brasileira. Essa relação entre os dois países se estreitou em 1654, quando foi imposto um tratado aos portugueses, passando a Inglaterra a exercer grande influência na vida do Brasil, ocasionando mudanças bastante significativas (Freyre, 1922 *apud* Dias, 1999, p. 27).

Esse amplo controle inglês gerou manifestações por parte dos brasileiros e, para tentar abafá-las, as companhias inglesas começaram a anunciar ofertas de emprego para engenheiros, funcionários e técnicos em serviços gerais, tendo como pré-requisito que os interessados falassem a língua inglesa, para que pudessem entender as instruções e receber treinamento. Segundo Chaves (2004, p. 5), “[...] é muito provável que os primeiros professores de inglês tenham surgido nesse momento”.

O ensino formal da língua inglesa no Brasil teve início a partir do decreto de 22 de junho de 1809, quando o Príncipe Regente de Portugal assinou uma

solicitação para a criação de uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa, como se observa no trecho do decreto abaixo.

E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa (Oliveira, 1999 *apud* Chaves, 2004, p. 5).

A língua inglesa é uma disciplina escolar que vem fazendo parte da formação daqueles que passam pela educação básica brasileira. Como qualquer outra disciplina, sua inserção nos currículos escolares não ocorreu de forma aleatória. Nas aulas, os docentes utilizavam o Método Clássico, também conhecido como Gramática-Tradução, que era o único método de ensino de línguas estrangeiras disponível na época. Nele, “[...] os alunos deveriam não apenas falar e escrever as respectivas línguas, mas também conhecer o seu ‘gênio’, ‘elegância’ e ‘estilo’ [...] o que mostra que o interesse pelas novas disciplinas se revestia de um caráter cultural e literário [...]” (Oliveira, 1999, p. 26). Apesar desse impulso inicial, apenas o ensino do francês — até então considerada a única língua universal da época — prosperou.

Estringiu-se aos seus objetivos mais imediatos, já que o seu conhecimento, não sendo exigido para o ingresso nas academias, portanto desnecessário ao currículo dos estudos secundários, justificava-se apenas pelo aumento do tráfico e das relações comerciais da nação portuguesa com a inglesa, constituindo assim uma disciplina complementar aos estudos primários (Oliveira, 1999, p. 29).

O Brasil vem mantendo sua determinação de incluir o ensino de línguas estrangeiras no currículo das escolas; porém, no início, foi extremamente difícil para as línguas modernas — o francês e o inglês — alcançarem o mesmo status que as línguas clássicas possuíam. Com a fundação do Colégio D. Pedro II, em 1837, que teve papel primordial nesse processo, desde o início o ensino da língua inglesa esteve presente em seu currículo, junto com o francês, o latim e o grego. No entanto, naquela época, a importância dada à língua francesa era consideravelmente maior do que à inglesa, pois o francês era considerado uma língua universal e pré-requisito obrigatório para o ingresso nos cursos superiores.

O ensino de inglês e francês durante o Império enfrentou um grave problema: a falta de uma metodologia adequada. De acordo com Leffa, “[...] a metodologia para

o ensino das chamadas línguas vivas era a mesma das línguas mortas: tradução de texto e análise gramatical" (Leffa, 1999, p. 3).

3 INFLUÊNCIAS DA LÍNGUA INGLESA NA CULTURA BRASILEIRA

É evidente que a língua inglesa exerce grande influência sobre a cultura brasileira desde os tempos mais remotos. Com o advento da globalização, esse idioma tornou-se ainda mais imprescindível para a comunicação entre povos do mundo inteiro, haja vista que a língua inglesa — que outrora era classificada como propriedade imaterial pertencente a países colonizadores, como os Estados Unidos e a Inglaterra — atualmente é considerada uma língua “padronizada” e multicultural, devendo ser usada como meio de comunicação universal. Nesse sentido, Wang et al. (2014) pontuam que

A globalização é uma transformação de todo o sistema do mundo, e não só afeta os centros metropolitanos, mas também suas margens mais remotas. Assim, somos obrigados a enfrentar os efeitos da globalização, também em lugares altamente inesperados (Wang et al., 2014, p. 4).

Para Le Breton (2005, p. 14-15), o fato de a Língua Inglesa ocupar uma posição de grande destaque em nossa cultura, se comparada com outras línguas estrangeiras, deve-se a algumas características específicas.

De modo semelhante à maioria das línguas europeias modernas, talvez até mais que as outras, o inglês é uma língua composta, que reúne contribuições celtas, latinas, francesas, germânicas, para falar exclusivamente das principais [...] A língua inglesa, que era uma língua nacional nos séculos XVI e XVII, tornou-se língua imperial nos séculos XVIII e XIX e, por fim, língua mundial durante a segunda metade do século XIX (Le Breton, 2005, p.14-15).

A influência da língua inglesa na cultura brasileira é notória. O referido autor ainda ressalta que o inglês é o idioma dominante em praticamente todas as áreas do conhecimento, além de ser a língua usada nos contextos televisivos, musicais, esportivos, diplomáticos, científicos, entre outros.

Nessa perspectiva, a língua inglesa pode ser entendida como um recurso social útil a todos os indivíduos, independentemente de suas culturas e peculiaridades. A partir dessa concepção, pode-se afirmar que os falantes do referido idioma são legitimados como construtores da língua, na medida em que contribuem para o processo de reconstrução da mesma por meio de suas interações

sociais e da inserção de elementos de suas próprias culturas nela. Como expressa Pennycook (2010, p. 127), “[...] sempre que praticamos uma linguagem, estamos engajados em uma prática construtiva de linguagem”.

[...] ver a linguagem como performativa possibilita entender que estar no mundo social é um ato de operar com as línguas, discursos e culturas disponíveis no aqui e no agora para construí-lo, não somente com base em significados já dados, mas também com base naqueles que nós mesmos podemos gerar, à luz de quem somos ou podemos ser em nossas histórias locais, portanto em nossa performance (Lopes, 2008, p. 326).

No âmbito educacional, há uma discussão entre Pinter (2006) e Phillips (2003) acerca da necessidade de as aulas de Línguas Estrangeiras oferecerem aos alunos oportunidades para o desenvolvimento de diferentes modos e habilidades, contemplando atividades que envolvam escuta, fala, escrita e leitura.

Dentre essas habilidades, destaca-se o desenvolvimento de estratégias sociais e afetivas, de modo que os aprendizes tomem consciência de que sua aprendizagem é influenciada por suas emoções e sentimentos, os quais interferem na confiança e autoestima. Esses aspectos podem ser favorecidos pela criação de um ambiente de aprendizagem encorajador, no qual o professor é visto pelos alunos como fonte de motivação.

Por isso, é necessário proporcionar mais espaço e tempo aos alunos durante as aulas, envolvendo-os no processo de tomada de decisão. Quanto às habilidades, segundo Vygotsky (1991, 1993), a linguagem é entendida como discurso, ou “linguagem em uso”, em que o aluno, ao ser exposto ao aprendizado de uma Língua Estrangeira ainda jovem, se depara com a linguagem falada. Para Rocha (2006, p. 133), Cameron sugere uma divisão alternativa que “[...] busca transcender o ensino tradicional e fragmentado das quatro habilidades em conjunto com a gramática e o vocabulário, em favor da prática natural da linguagem, em situações reais de uso”.

Cameron (2001; 2003) e Rocha (2007) ressaltam que o aprendizado não ocorre de forma segmentada e isolada. A divisão das habilidades serve apenas para organizar as ideias, considerando que o desenvolvimento de cada uma pode colaborar para o conhecimento dos alunos.

Assim, o papel do professor é primordial para o bom desenvolvimento das habilidades orais em uma Língua Estrangeira, estimulando os alunos com temas que sejam interessantes e motivadores para a fala, explicando toda a estrutura das atividades propostas e oferecendo apoio linguístico, para que o aluno mantenha o

entusiasmo em aprender novas palavras. Os exercícios de repetição são criticados por muitos estudiosos; entretanto, Pinter (2006, p. 55) salienta que falar fluentemente em outro idioma exige muita prática, a qual, inicialmente, precisa ser desenvolvida mediante a repetição de modelos.

Em síntese, o contato auditivo com uma nova língua pode servir de base para o desenvolvimento da prática oral, por meio da oferta de atividades que estimulem o aprimoramento dessas habilidades, levando em consideração a idade e os interesses dos alunos.

4 MÉTODOS DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Independentemente dos métodos, recursos e técnicas utilizados, o processo de apropriação de um novo idioma demanda bastante tempo e dedicação, haja vista que o ensino da Língua Inglesa é algo complexo, principalmente em um país como o Brasil, cuja língua oficial, ao contrário do inglês, deriva do latim. De acordo com Harmer (2002), uma condição relevante a ser considerada no momento da escolha de como e o que ensinar é a idade dos alunos, pois crianças de diferentes faixas etárias apresentam necessidades, competências e habilidades cognitivas distintas. Em consonância com o que Harmer (2002) afirma, Phillips (2003) ressalta que o contexto social no qual a criança está inserida está intimamente relacionado ao seu progresso na aquisição de um novo idioma.

Portanto, no processo de ensino-aprendizagem, é fundamental que o docente, para além da faixa etária dos alunos, compreenda as condições socioculturais que os cercam, a fim de planejar atividades e selecionar métodos condizentes com seu perfil. Considerando as reflexões apresentadas nos parágrafos anteriores, o quadro a seguir apresenta as principais metodologias voltadas ao ensino da Língua Inglesa na infância.

Quadro 01 - Metodos de ensino eficazes no ensino de Inglês

METÓDO	CARACTERÍSTICAS
Tradicional	É a metodologia de ensino mais antiga usada no inglês infantil. Ela é baseada no latim, que educa a partir da gramática e memorização do vocabulário da língua estrangeira. Nesse método, a conversação é quase inexistente e a pronúncia fica por conta apenas das leituras em voz alta dos textos passados em aula.

Áudio-lingual	O foco desse método é que o aluno precisa ter contato direto com a pronúncia do idioma para, só então, poder se comunicar. O áudio-lingual se dá pela escuta em primeiro momento e, assim que estiver apto, o estudante passa para a fase de escrita e leitura. O propósito desse método é a memorização e a repetição, de forma que o aluno escuta e repete de acordo com o que lhe foi apresentado. Com objetivo de ajudar no desenvolvimento, nesse processo é importante a inserção de músicas e vídeos no dia a dia.
Comunicativa	A abordagem comunicativa em escolas de inglês infantil tem como objetivo inserir o idioma não apenas em sala de aula, mas também levá-lo para casa, de forma que seja usado no cotidiano da criança, praticando e melhorando o rendimento escolar.
Direta-intuitiva	Essa abordagem é focada no contato direto com a língua e seu uso em sala de aula envolve o uso somente da língua inglesa. Ou seja, o aluno aprende por meio de escrita, conversação, leitura e prática durante todo o tempo em que estiver em aula. Na metodologia direta-intuitiva, o aluno é praticamente obrigado a se comunicar em inglês, seja pela fala, escrita, mímica ou gestos, pois, no geral, não se fala em português nesses momentos.

Fonte: Skill.Ed Learning Center (2019).

4.1 Método Tradicional

Segundo estudiosos, o método mais utilizado na docência é o Tradicional. De acordo com Alves Filho (2000, p. 252):

[...] Com a mudança de paradigma educacional e de concepção epistemológica, se faz necessário partir do saber sábio e, através de novas transposições didáticas (interna e externa), fazer com que o laboratório didático não seja incluído por equívoco de interpretação, mas por necessidade imposta pelo processo de construção do saber em qualquer uma das esferas.

No processo de ensino-aprendizagem, o professor deve levar em consideração que o conhecimento do aluno está em processo de construção, então é necessário utilizar metodologias adequadas para repassar o conhecimento e preparar o educando na busca constante pelo conhecimento.

[...] Ao professor competem tarefas que podem apresentar desde grau considerável de complexidade até a simplicidade da mera rotina. Entre as primeiras estariam, por exemplo, a elaboração de currículo ou programas disciplinares ou ainda a decisão de escolha de livros-textos (Alves Filho, 2000, p. 254).

No método tradicional, o professor ocupa a posição central no processo de ensino-aprendizagem e, por isso, detém maior controle sobre as aulas (Pinho et al., 2010). No entanto, esse modelo também apresenta desvantagens, uma vez que se torna mais difícil ao docente explicar a prática apenas por meio de aulas expositivas;

da mesma forma, o aluno tende a encontrar obstáculos para compreender a finalidade da teoria apresentada (Weintraub; Hawlitschek; João, 2011). Pode-se afirmar que, nesse método, valores como respeito e disciplina são mais evidentes, considerando o professor como autoridade principal. Contudo, esse rigor, em determinadas situações, pode comprometer a qualidade da relação entre professor e aluno.

4.2 Método Áudio-lingual

Conhecido também como método do Exército, o método áudio-lingual teve origem nos Estados Unidos e foi implementado no Programa de Treinamento Especializado do Exército, que intensificou suas pesquisas com o objetivo de desenvolver, em curto prazo, um método eficaz de ensino de línguas estrangeiras (Oliveira, 2014).

De acordo com Oliveira (2014), essa iniciativa surgiu da necessidade urgente de formação linguística, uma vez que o país precisava de um grande número de soldados, muitos dos quais não falavam inglês. A ausência de domínio do idioma representava um risco potencial tanto para os militares quanto para os civis envolvidos em serviços de inteligência e operações de combate.

O principal objetivo do método áudio-lingual, segundo Oliveira (2014), é capacitar o aprendiz a se comunicar oralmente em língua estrangeira com um nível de fluência próximo ao de um falante nativo. Nesse método, a comunicação escrita ocupa uma posição secundária, já que o foco está no desenvolvimento da competência oral. As aulas devem ser estruturadas em torno de aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos, sendo essas estruturas apresentadas por meio de diálogos em sala de aula. Como destaca Oliveira (2014):

Após a apresentação, os aprendizes são submetidos a uma prática exaustiva das estruturas e do vocabulário por meio de memorização, repetição e exercícios de transformação e substituição, os chamados drills [...] eis um exemplo envolvendo um professor e aprendizes brasileiros:

PROFESSOR: The book is on the car. Desk. (olha para o aluno A).

ALUNO A: The book is on the desk.

PROFESSOR: Table. (olha para a aluna B).

ALUNA B: The book is on the table.

PROFESSOR: Chair (olha para o aluno C).

ALUNO C: The book is on the chair
(Oliveira, 2014, p. 97).

4.3 Comunicativa

A metodologia comunicativa tem como principal característica a imersão total do aluno na língua estrangeira, permitindo que o domínio do idioma se desenvolva por meio do contato constante e significativo com a nova língua. Essa abordagem enfatiza o desenvolvimento integrado das quatro habilidades essenciais para a aquisição linguística: escuta, fala, leitura e escrita.

Nesse modelo de ensino, a criança é inserida em contextos que simulam situações reais vivenciadas por falantes nativos da língua-alvo, o que possibilita o uso de seus conhecimentos prévios — ainda que limitados — para interagir e comunicar-se de forma efetiva.

[...] sob a ótica da Abordagem Comunicativa, os alunos trabalham as quatro habilidades - fala, escuta, leitura e escrita - desde os primeiros estágios, embora Canale (1983) defende que aquelas relacionadas à produção na língua-alvo - fala e escrita - devem ser menos cobradas nos estágios iniciais, período em que o aluno passa por uma fase de recebimento de informações para que sejam transformadas, posteriormente, em produto (Silva, 2001, p. 66).

Para a autora mencionada, nos anos iniciais deve-se dar ênfase às atividades consideradas “passivas” — isto é, leitura e escuta —, uma vez que tais práticas [...] maximizam oportunidades para que os alunos usem a língua-alvo de uma maneira comunicativa em atividades que realmente tenham significado para eles” (silva, 2001, p. 66). Assim, por meio da imersão linguística proporcionada pela metodologia comunicativa, os educandos têm a oportunidade de adquirir conhecimento ao se familiarizarem com os conceitos básicos presentes no cotidiano do novo idioma. Ainda segundo silva (2001), por meio dessa abordagem, o aluno pode apropriar-se dos seguintes princípios:

[...] (1) os padrões ativos de aprendizagem; (2) o trabalho oral, relevando as habilidades de fala e escuta na sala de aula e proporcionando o contato constante com a língua para um comando mais fluido e para obter mais facilidade de expressão. (3) o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita por meio da utilização de elementos encontrados em várias formas (leitura, sumários, traduções, discussões, debates) [...] (Silva, 2001, p. 63).

4.4 Direta-intuitiva

Segundo Gomes (2016, p. 03), a abordagem direta-intuitiva para o ensino da Língua Inglesa foi criada no final do século XIX como “[...] uma reação ao método da gramática e tradução, que se mostrou ineficaz em formar aprendizes capazes de se comunicar na língua estrangeira”.

O método direto para o ensino de inglês foi criado no final do século XIX, com base nos estudos da nova ciência, a fonética. Com foco no desenvolvimento das habilidades orais, audição e fala, o método era completamente antagônico ao anterior e proibia o ensino dedutivo da gramática, tradução e uso da língua materna (Gomes, 2016, p. 03).

De acordo com o autor, no início da introdução da metodologia direta-intuitiva no contexto educacional, a tradução dos textos em inglês para outras línguas não era permitida em sala de aula. Além disso, o docente deveria ser falante nativo da língua inglesa — e nem mesmo precisava dominar a língua materna dos alunos — para que pudesse ministrar aulas em turmas compostas por estudantes de diversas nacionalidades (gomes, 2016).

Não somente a gramática era trabalhada de forma indutiva, como também as questões culturais envolvidas no idioma eram abordadas. Para os defensores do método direto, os textos literários são objetos de leitura por prazer, não fonte de exemplos para regras gramaticais exaustivamente trabalhadas no método predecessor (Gomes, 2016, p. 03).

Embora a abordagem de ensino tenha sido criada no final do século XIX, ela só foi oficialmente introduzida no Brasil por volta de 1931. O método direto-intuitivo chegou ao país como parte das reformas educacionais promovidas pelo governo provisório de Getúlio Vargas. Conforme destaca gomes (2016, p. 3), “[...] é interessante apontar que esse foi um importante marco para o ensino das línguas vivas no país, uma vez que foi a primeira vez em que um método de ensino foi definido e detalhado através da legislação”.

5 METODOLOGIA

A pesquisa científica é uma ferramenta de extrema importância e está presente atualmente em todos os campos da ciência. Segundo bastos e keller

(1995, p. 53), trata-se de “[...] uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em um estudo”. O método utilizado neste gênero textual acadêmico-científico consiste em um conjunto de processos metodológicos de caráter investigativo, empregados por pesquisadores na realização de estudos que visam solucionar, responder e aprofundar questões relativas a um tema específico.

A pesquisa bibliográfica configura-se como o método ideal para a elaboração de um trabalho como o presente, uma vez que, conforme prodanov e freitas (2013, p. 54-57), por meio desse método o pesquisador entra em contato direto com todas as etapas da produção escrita relacionada à temática estudada, sem a necessidade de presença física nos locais de pesquisa. Os autores ressaltam ainda que “[...] na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar” (prodanov; freitas, 2013, p. 54-57).

Durante o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, foram selecionadas informações provenientes de concepções teóricas diretamente relacionadas ao ensino de Língua Inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, adotou-se uma investigação orientada pelo método de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, cuja principal característica é o levantamento de dados por meio de fontes primárias, secundárias e terciárias, as quais conferem embasamento teórico e credibilidade à pesquisa. De acordo com albrecht e ohira (2000), os tipos de fontes mencionados, que compõem a pesquisa bibliográfica, podem ser definidos como:

Fontes primárias - são aquelas que contém ou divulgam informações originais ou que apresentam, sob forma original, informações já conhecidas. As fontes primárias são as mais importantes, por representarem a grande produção técnica e científica da área. Nelas incluem-se: os livros, os periódicos e publicações seriadas, os prepints e anais de eventos, os relatórios técnicos, as normas técnicas, as teses e dissertações e as patentes.

Fontes secundárias - são as que organizam, sob a forma de índices e resumos, as informações de fontes primárias, facilitando assim o conhecimento e o acesso às mesmas. As publicações englobadas nesta categoria, normalmente são designadas como “obras de referência”. [...]

Fontes terciárias - são as que orientam o usuário para a utilização das fontes secundárias e primárias, facilitando localização e o acesso às informações. Elas representam o ponto de partida para as ações da coleta (Albrecht; Ohira, 2000, p. 139-140).

A abordagem de pesquisa de caráter qualitativo pode ser definida como qualquer forma de coleta de informações que visa descrever, e não prever, a complexidade de determinados fenômenos, fatos e processos. De acordo com Creswell (2007), a pesquisa qualitativa é explicativa, ou seja, o pesquisador deve interpretar dados que possibilitem uma visão global dos fenômenos sociais. Para ele, “isso explica por que estudos de pesquisa qualitativa aparecem como visões amplas em vez de microanálises. Quanto mais complexa, interativa e abrangente a narrativa, melhor o estudo qualitativo” (Creswell, 2007, p. 59).

Segundo Minayo (2009), a abordagem qualitativa é utilizada em pesquisas cujo principal objetivo é compreender fatores lógicos e relevantes presentes na sociedade em geral. Por essa razão, a escolha por uma pesquisa de natureza qualitativa é imprescindível para o presente trabalho de conclusão de curso, uma vez que o tema investigado envolve a interação entre ambiente e seres sociais, exigindo, portanto, uma perspectiva ampla na investigação. Conforme destaca a autora, “[...] o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (Minayo, 2009, p. 24).

A referida autora ainda alerta para a seguinte definição, que envolve completamente o caráter da pesquisa qualitativa e sua importância para os pesquisadores:

[...] a análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes. É muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta para uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador (Minayo, 2016, p. 26).

Em síntese, a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo constitui uma ferramenta essencial para o desenvolvimento científico e acadêmico, pois proporciona ao pesquisador acesso a informações consolidadas e fundamentadas em fontes confiáveis. Além disso, por meio desse tipo de pesquisa, é possível aprofundar o conhecimento sobre um tema específico, identificar lacunas e desafios a serem enfrentados, bem como estabelecer relações e comparações com estudos anteriores, oferecendo uma visão mais detalhada e contextualizada da realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo propôs-se a refletir sobre a importância da introdução do ensino de Língua Inglesa nas séries iniciais do Ensino Fundamental, apresentando controvérsias e contribuições de diferentes autores, com base nas ideias aqui destacadas. A partir dos estudos analisados, constatou-se que o contato precoce com a Língua Inglesa nas séries iniciais possibilita uma construção mais sólida do conhecimento e da aprendizagem, uma vez que, a partir dessa base, são desenvolvidas as interações do aluno e ocorre um avanço significativo durante os últimos anos do ensino primário e nas fases subsequentes da vida escolar.

Em tese, o aprendizado na infância é mais ágil e natural, pois frequentemente se dá por meio de atividades lúdicas. Considerando a grande popularidade do inglês na sociedade contemporânea, a criança que inicia seu aprendizado desde cedo terá uma vantagem competitiva em relação aos seus pares, podendo alcançar com maior facilidade os objetivos propostos e as competências desenvolvidas ao longo do processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa.

Aprender inglês desde a infância abre caminho para uma comunicação global, permitindo ao aluno compreender e se inserir na linguagem da sociedade moderna em que está inserido. O domínio da Língua Inglesa promove o contato e aproximação entre indivíduos de diferentes culturas, possibilitando maior acesso a países e comunidades cuja língua materna ou segunda língua é o inglês. De fato, o aprendizado de uma língua estrangeira traz inúmeros benefícios, enriquecendo a vida pessoal e proporcionando novas oportunidades de comunicação e conexão com pessoas de diversas nacionalidades e culturas.

Assim, é fundamental ressaltar a importância da comunicação no processo de ensino de idiomas, objetivo central das escolas e dos educadores. A base desse processo deve garantir aos alunos o acesso a outros idiomas, de modo que o aprendizado da Língua Inglesa, enquanto disciplina integrante da grade curricular, consolide seu conhecimento e evidencie sua relevância para o desenvolvimento intelectual do sujeito.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, R. F.; OHIRA, M. L. B. Bases de dados: metodologia para seleção e coleta de documentos. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, SC, v. 5, n. 5, p.131-144, 2000.

BASTOS, C. L; KELLER, V. **Aprendendo a aprender**. Petrópolis: Vozes, 1995
BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 12 set. 2022.

BRASIL. Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Altera a Lei nºs 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, entre outras providências. Ens. Tecnol. R., Londrina, v. 1, n. 2, p. 258-271, jul./dez. 2017. p. 270.

CAMERON, L. **Teaching languages to young learners**. Cambridge: CUP, 2001.

CHAVES, C. **O ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil: para inglês ver ou para valer?** 2004.26 p. Monografia (curso em Especialização em Educação Infantil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

ETHNOLOGUE. **What Are the Top 200 Most Spoken languages?** Disponível em:
<<https://www.ethnologue.com/guides/ethnologue200>>. Acesso me: 09 mai. 2022.

HARMER, J. **The Practice of English Language Teaching**. 3.ed. Cambridge: Longman, 2002.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, L. E. M. **A Historiografia Brasileira da Literatura Inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil**.

PHILLIPS, S. **Young Learners**. Oxford: OUP. 2003.

PINTER, A. **Teaching Young Language Learners**. Oxford: OUP. 2006.

ROCHA, C. H.; BASSO, E. A. (Org.). **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores formadores**. São Carlos: Claraluz, 2008.

RODANOV, C. C.; FREITAS, E. C., **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**, 2^a Ed., Novo Hamburgo - RS, 2013.

SKILL. E. D. Afinal, qual é a melhor metodologia de inglês infantil? -
Disponível em:
<https://inglesparacriancas.blog.br/metodologia-de-ingles-infantil/>. Acesso em:
21 mai. 2022.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. S. Paulo: Martins Fontes, 1991.

WIZARD. As Vantagens de Aprender Inglês na Infância. Disponível em:
<https://www.wizard.com.br/wizkids/as-vantagens-de-aprender-ingles-na-infancia/>. Acesso em: 05 mai. 2022.